

*Schroder*



# *Schroder*

AMITY GAIGE

Tradução de Izabel Aleixo

Copyright © 2013 Amity Gaige

“Tired of Being Alone”, de Al Green © 1971 Irving Music, Inc. e Al Green Music, Inc., com permissão de Hal Leonard Corporation.

“The Terms in Which I Think of Reality”, extraído de *Collected Poems*, de Allen Ginsberg © 2006 Allen Ginsberg Trust, com permissão de HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL

Schroder

PREPARAÇÃO

Rafaella Lemos

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Suelen Lopes

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

G133s

Gaige, Amity, 1972-

Schroder / Amity Gaige ; tradução Izabel Aleixo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Schroder

ISBN 978-85-8057-487-6

1. Romance americano. I. Aleixo, Izabel. II. Título.

14-08547

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---

[2014]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para o meu pai,  
Frederick H. Gaige,  
1937-2009



*here is the deepest secret nobody knows  
(here is the root of the root and the bud of the bud  
and the sky of the sky of a tree called life; which grows  
higher than soul can hope or mind can hide)  
and this is the wonder that's keeping the stars apart*

*i carry your heart (i carry it in my heart)<sup>1</sup>*

— e. e. cummings

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Aqui está o segredo mais profundo que ninguém conhece/ (aqui está a raiz da raiz e o embrião do embrião/ e o céu do céu de uma árvore chamada vida; que cresce/ mais alto do que a alma pode desejar ou do que o cérebro pode ocultar)/ e esse é o espanto que mantém as estrelas distantes/ eu carrego o seu coração (eu o carrego no meu coração). (N. da T.)





O que se segue é um relato de onde Meadow e eu estivemos desde o dia em que desaparecemos.

Meu advogado diz que devo contar a história toda. Onde estivemos, o que fizemos, quem encontramos etc. Como você sabe, Laura, não sou uma pessoa reticente. Falo bastante — pode-se dizer até que sou meio tagarela — para um homem. Mas há dias não falo nada. Foi uma promessa que fiz. Estou com um gosto velho e mofado na boca, como se ela fosse uma caverna. Acontece que não sei ficar em silêncio. Tem um monte de coisas que quero lhe dizer. O que pode explicar o entusiasmo com que estou escrevendo, apesar da história que vou contar.

Meu advogado também diz que esse relato pode me ajudar no tribunal. Então é difícil não pensar nisso como um tipo de apelo, não apenas ao seu perdão, mas também ao de um júri hipotético, se formos a julgamento. E se a palavra *júri* parecer interessante aos seus ouvidos (foi assim comigo, por um instante), devo lhe dizer que aprendi que um júri entende tudo pelo lado errado, atendo-se sempre às primeiras impressões, e no fim raramente oferece as absolvições ou punições que merecemos. Na maior parte das vezes, funciona apenas como um termômetro de como o caso vai ser distorcido pelos jornais. Ainda assim, é difícil não pensar neles, nos meus ouvintes em potencial. Advogados. Jurados. Uma multidão improvável, assistindo a tudo. Biógrafos. Mas, acima de tudo, você. Você, o meu guia, o meu país, a minha mulher.

Querida Laura. Se fôssemos só nós dois outra vez, sentados à mesa da cozinha, tarde da noite, eu provavelmente chamaria isso de um pedido de desculpas.



## APOLOGIA PRO VITA SUA

Uma vez, em 1984, criei um outro relato fatídico. Aparentemente era uma carta para a inscrição num acampamento de meninos no lago Ossipee, em New Hampshire. Eu tinha quatorze anos e estava morando nos Estados Unidos havia apenas cinco. Durante esse período, o meu pai e eu moramos no mesmo apartamento, no último andar de um prédio em Dorchester, Massachusetts, um bairro de imigrantes nos subúrbios ao sul de Boston, para o caso de você nunca ter estado lá. Naquela época, eu tinha conseguido disfarçar bem o meu sotaque e me camuflava com uma camisa do Bruins, o time de hóquei local, tentando parecer tão durão e mal-encarado quanto os meus colegas irlandeses, que eram minoria em Dorchester. Era como se eu tivesse acabado de descer do navio e descobria, diariamente, as peculiaridades da minha nova pátria. Eu me lembro do barulho metálico da minha primeira máquina de fliperama engolindo uma moeda, como também da visão de uma escova de dentes elétrica ligada, e como, um dia, enquanto esperava o ônibus, um garoto, não muito mais velho que eu, se aproximou da calçada num Corvette conversível e saltou do carro sem usar a porta. Eu me lembro dessa e de outras cenas parecidas, porque os sentimentos que elas despertavam em mim eram confusos. A princípio sentia certo deslumbramento infantil, mas a esse deslumbramento seguia-se a necessidade imediata de reprimi-lo, porque, se eu fosse um americano de

verdade, não ficaria nem um pouco impressionado com nada daquilo. A autoconsciência era uma companheira constante; uma espécie de duplicidade mental com a qual eu contava para não viver fazendo perguntas imbecis, como quando papai e eu fomos até Rhode Island um dia, fazer uma entrega, e me segurei para não perguntar por que não havia nenhuma fiscalização na fronteira entre os estados, para a qual eu tinha levado comigo — pode acreditar — meu passaporte alemão.

Vi o folheto do acampamento do lago Ossipee pela primeira vez no consultório do meu pediatra. Eu o lia com atenção toda vez que ficava doente até que o escondi dentro do casaco e o levei para casa. Fiquei olhando para aquele folheto por semanas — na cama, no banheiro, pendurado na minha barra de exercício — até que as páginas começaram a colar. Os garotos americanos nas fotografias se penduravam nos penhascos entre a montanha e o lago. Carregavam canoas, com os braços levantados acima da cabeça, em grupos de três. Comecei a me ver nadando com eles. Eu me imaginava rastejando pelos campos ou algo assim, aprendendo a conhecer as trilhas e a amadurecer rapidamente. Eu queria ser o “cara”, o melhor de todos. Não exatamente um herói, mas aquele com quem todo mundo pudesse contar. Estava especialmente interessado no rito de passagem do lago Ossipee, apenas para os meninos mais velhos, no último ano — ir de barco à noite, sozinho, até a ilha que ficava no meio do lago. E foi ali, nessa imagem, que o meu eu futuro nasceu para mim: eu, Erik Schroder, um homem cheio de energia, acendendo a fogueira no meio da noite, *sozinho*, autossuficiente, livre das restrições da sociedade. Fui dormir e acordei no dia seguinte completamente modificado.

Tudo o que eu tinha que fazer para me inscrever no acampamento era preencher um formulário e escrever uma carta de apresentação. Que tipo de apresentação eles estavam esperando?, eu me perguntava. Que tipo de menino procuravam? Sentei-me na frente da máquina de escrever do meu pai, que ficava em cima da mesa de carteador, e fiquei olhando pela janela, para a esquina entre a Sagamore e a avenida Savin Hill, onde dois dos meus colegas de classe estavam brigando por causa de um taco de hóquei quebrado. Coloquei uma folha de papel na máquina e comecei a escrever.

A minha apresentação foi, sob certos aspectos, a coisa mais verdadeira que já tinha escrito na vida. Misturava fardos históricos, a perda precoce da mãe, um sentimento despropositado de responsabilidade e uma destemida esperança no futuro. Claro que, sob outros aspectos — aqueles em que todas as outras pessoas se baseiam, até mesmo os tribunais —, a minha história era pura mentira. Uma ficção fraudulenta, distorcida, espúria, desonesta e desesperada, que tive que manter quando conheci você. Mas isso foi em 1984. Eu ainda não tinha conhecido você. Eu não estava mentindo *para você* — era apenas um menino sentado na frente da máquina de escrever do pai, com meias brancas esportivas puxadas até os joelhos e cabelo louro, muito claro, que ainda não tinha ficado mais escuro perto da raiz como agora. Coloquei o endereço no envelope. Roubei um selo. Quando chegou a hora de assinar o fim daquela página repleta de palavras, foi com certa facilidade que, pela primeira vez, assinei o nome pelo qual você viria a me conhecer. O sobrenome não foi difícil de escolher. Eu queria um nome de herói, e apenas um homem era chamado de herói em Dorchester. Um garoto do bairro, um irlandês perseguido, um semi-deus. Ele foi também aquele que fez um discurso para encorajar os cidadãos de Berlim Ocidental nos idos de 1963, deixando-os com um sentimento palpável de autoestima que durou até muito tempo depois de esse homem ser assassinado, e o status de herói que ele tinha ainda continuava intacto quando o meu pai e eu chegamos aos Estados Unidos, anos mais tarde. Na verdade, pode-se dizer que, no fim das contas, John F. Kennedy foi a razão de termos vindo para este país.

Passei meses vigiando o correio, esperando pela carta de resposta que o acampamento me enviaria. A carta me ofereceria uma bolsa integral para a estada no acampamento, bem como total solidariedade em relação aos meus problemas. Sonhei com essa carta tantas vezes que tive certa dificuldade de acreditar nela quando finalmente chegou. *Nós de Ossipee achamos que todo menino merece ir para um acampamento no verão (...). E oferecemos apoio a garotos das mais variadas condições (...). Vemha se juntar a nós nas margens do nosso amado lago (...). Ossipee, onde bons meninos se tornam homens melhores ainda. É isso aí!, pensei. É claro que eu vou! Tenho todas as condições que vocês quiserem! Minha euforia*

só foi controlada pelo barulho das chaves do meu pai abrindo a porta de entrada. Eu me dei conta de que não poderia lhe apresentar a carta, endereçada a outro garoto. Mas, em vez disso, mostrei-lhe o panfleto já todo rasgado. Conteí a ele sobre o telefonema do diretor do acampamento. Até fiz parecer que a bolsa tinha sido por mérito escolar, alimentando ainda mais a fantasia para nós dois. Ficamos andando de um lado para o outro pelo apartamento a noite inteira. Aquilo foi o mais próximo que o meu pai conseguiu chegar de se entregar à alegria.

Ninguém checou a minha história. No dia marcado, peguei um ônibus até Moultonville, que ficava duas horas ao norte de Boston. Lá, um representante do acampamento veio me buscar, a mim e a outro bolsista que vinha de Nashua. Quando descemos do ônibus, uma mulher corpulenta, usando calças cáqui, veio na nossa direção. Era Ida, a cozinheira e única mulher do acampamento. O outro menino se apresentou de maneira desajeitada. Ida olhou para mim.

— Então você deve ser Eric Kennedy.

Por que eles acreditaram em mim? Só Deus sabe. Tudo o que posso dizer é que era 1984. Podia-se fazer a inscrição no seguro social *pelo correio*. Não havia bancos de dados. E era preciso ser muito rico para ter um cartão de crédito. Guardavam-se testamentos em cofres de bancos e o dinheiro vinha em grandes maços de notas. Não havia essa tecnologia da onisciência. Ninguém *queria* nada disso. Você era quem dizia ser. E eu era Eric Kennedy.

E, pelos três verões seguintes, foi isso que eu me tornei. O Eric Kennedy de mãos firmes. O Eric Kennedy forjado no ferro. O Eric Kennedy com uma voz surpreendentemente afinada para cantar. A minha transformação foi espetacular. Durante o meu primeiro verão no acampamento, eu falava com um fiapo de voz, mas só eu sabia que estava tentando esconder algum vestígio de sotaque que ainda pudesse restar. Eu nutria certo medo de que um alemão de verdade virasse para mim e perguntasse: “*Wo geht's zum Bahnhof Zoo?*” Onde fica a estação do zoológico? Eu com certeza responderia como chegar lá. Mas isso nunca aconteceu e, além do mais, ninguém desconfiava de mim, ninguém me investigava ou queria me prejudicar de alguma forma. No acampamento, ensinava-se aos meninos que confiar nas pessoas era algo que se devia

fazer para a sua própria honra, e esse ensinamento antiquado, mesmo que eu o tenha assimilado de um modo perverso, é uma dívida que ainda tenho com aquele lugar. Ao longo do tempo, deixei a periferia do grupo e passei a ocupar o centro das atenções. Tirava a camisa e me juntava aos outros, dançando ao redor da fogueira. Puxava a cantoria na hora da comida no refeitório. No fim do primeiro verão, já não podiam mais me calar. E, depois disso, nunca mais parei de falar.

Finalmente chego a hora da minha grande viagem solitária. Era o meu terceiro e último verão no lago Ossipee, um verão surpreendentemente ameno. Um vento constante movimentava a superfície do lago, formando ondulações escuras e iridescentes que batiam no fundo do barco do acampamento. Todos os garotos que eu admirava nos verões anteriores já tinham ido embora. Os novatos, com os cabelos ainda excessivamente penteados, perambulavam pelo deque assistindo à minha partida, e me dei conta de que tinha me tornado o menino mais velho, aquele de quem se lembrariam quando eu tivesse ido embora. O monitor dos barcos me levou até um lugar determinado e me deixou lá, numa praia de areia dura, com uma coroa de pernilongos ao redor da cabeça. A noite parecia não ter mais fim, mas esse não é o ponto mais importante da minha história. O que quero contar a você é sobre a manhã seguinte, quando ouvi o som do barco se aproximando no nevoeiro, e saí da minha barraca como se saísse de uma pele, e sabia que tinha conseguido algo verdadeiramente grandioso: eu havia escolhido a minha própria infância. Havia encontrado um passado que se adequasse ao meu presente. E assim, com a ajuda das recomendações entusiasmadas do pessoal do acampamento, e também de uma série de falsificações que reluto em detalhar aqui — apesar de bem recentemente terem empurrado fotocópias desses documentos por cima da mesa na minha direção —, fui aceito, como Eric Kennedy, numa universidade na cidade de Troy, no estado de Nova York. Lá, eu era um aluno com bolsa-trabalho, e ficava no caixa de um edifício-garagem. O restante da mensalidade foi custeado por um fundo do governo (dívida que, a propósito, já quitei). Fui estudar comunicação. Eu era um estudante mediano. Inteligente em sala de aula, como você pode imaginar, mas inconsistente quando me exigiam trabalhos de verdade

e por conta própria. O meu bilinguismo secreto fazia com que me saísse bem ao aprender novas línguas — espanhol, e até mesmo japonês para conversação. Quando me formei, consegui um emprego como tradutor técnico no Centro de Pesquisas Médicas de Albany, e fiquei lá por tranquilos seis anos, livre como um pássaro.

Mas é claro que pássaros não são livres. Pássaros não fazem quase nada livremente. Pássaros são uma das criaturas mais diligentes da natureza, passando todas as horas do dia procurando, coletando e evitando qualquer desvantagem competitiva, ocupados apenas em serem pássaros. Como um pássaro eu estava constantemente trabalhando para ser Eric Kennedy e, como um pássaro, eu não pensava nisso como um trabalho. Pensava que aquilo era apenas *ser*. Eu já tinha enganado de forma insensível e cruel, isto é, eu já tinha enganado o meu próprio pai. Toda vez que eu era Eric Kennedy, evitava contato com ele. Até no acampamento, disse a ele que não havia telefones no meio da floresta em New Hampshire, mas que, se ele quisesse, eu percorreria de bom grado o caminho a pé até a cidade mais próxima à procura de um telefone. Claro que ele disse não *Nein, nein, Erik*. E depois, num inglês muito estudado, *Vou ver você quando puder vê-lo*.

Certo. Ele iria me ver quando pudesse, e isso seria bem raramente. Durante a faculdade, eu era exatamente igual a qualquer outro rapaz, muito ocupado, tentando parecer mais interessante do que era — você sabe, colecionando discos, escrevendo mentalmente uma série de manifestos, uma ou duas vezes participando de uma peça de teatro. Ia a Dorchester apenas quando era absolutamente necessário. Participei da cerimônia de formatura sozinho, usando a beca e o capelo pretos, e esperei até julho para levar papai para uma visita ao campus, quando não havia quase ninguém lá, a não ser os poucos alunos da aula de tênis para adultos. Durante a faculdade, havia ficado amigo de um professor sem filhos, e esse homem, e não o meu pai, foi o fiador no aluguel do meu primeiro apartamento, um quarto e sala ensolarado numa esquina do Washington Park.

Eu estava feliz em Albany e raramente saía de lá. Gostava dos horizontes protetores da cidade, dos seus políticos insignificantes e belicosos. E havia sempre uma garota — uma ou outra — e risos, e debochar dos



turistas no shopping South Mall. Esses relacionamentos eram fáceis e sem compromisso. Eu tinha talento para escolher mulheres com um gênio naturalmente predisposto à felicidade, que não me usariam como um refúgio para as suas decepções. No tempo livre, trabalhava de forma errática na minha pesquisa (ver página 22) e jogava futebol com um bando de estrangeiros num campo da Universidade de Saint Rose. E o que viria depois, eu supunha, seria o que viria depois.

Eu não sabia que o que viria depois seria você.

Você. A primeira vez que a vi, você estava colocando uma tala no braço de um garoto que tinha acabado de cair de uma árvore. E havia mais ou menos uma dezena de outras crianças em volta, vendo o que você fazia. Até aquele momento o garoto que tinha caído gritava tão alto que ninguém, a não ser você, conseguiu chegar perto dele. Eu estava na minha hora do almoço, o barulho me incomodou e então me levantei para sair dali. Mas você prendeu o meu olhar e eu fiz uma pausa.<sup>1</sup> O que provocou esse empecilho à minha saída? O que havia em você ou no momento que capturou a minha atenção? Foi a maneira como você continuou a enfaixar calmamente o pulso daquele garoto, apesar de ele estar histérico, gritando e esperneando? Era agosto. O fim de um verão quente e decadente. Mais tarde, fiquei sabendo que você era a responsável por um grupo de vinte crianças carentes desde julho. Você

---

<sup>1</sup> O que é uma pausa? Para o propósito do que estou escrevendo, vou restringir minha resposta apenas à interação que acontece durante uma conversa, na qual uma pausa é a cessação de diálogo entre dois ou mais participantes (não é, por exemplo, um momento de contra-argumentação durante um monólogo interior, solitário e existencial na banheira). Comparada ao silêncio, a pausa é mais curta, uma espécie de silêncio infantil — o tipo de hesitação que ocorre quando alguém tenta decidir qual é a melhor maneira de dizer alguma coisa, por exemplo. Ou quando alguém está refletindo sobre o que outra pessoa acabou de dizer com um tom de crítica ou de mágoa. Ou quando alguém se distrai por outra conversa ou algum barulho muito alto, mas quer parecer pensativo. Ninguém me perguntou, mas eu, pessoalmente, diria que uma pausa dura de dois a três segundos. Deve ser verdade que as pausas são, ao menos historicamente, silêncios de segunda classe, já que os silêncios — aqueles vazios de tempo bocejantes, nos quais o coração para, a boca seca e a verdade começa a aparecer — são dignos de estudo e têm infinitamente mais consequências. No entanto, este escritor sustenta que ambos, pausa e silêncio, podem ser o que a teórica e mãe da pausologia, Zofia Dudek, chama de *funcionalmente deficiente* (quer dizer, um nada que é alguma coisa). Ambos são dignos de estudo e atenção.

parecia estar precisando de um banho. Mas a minha atenção esbarrou em você. O meu cérebro limpou você e a vestiu com um vestidinho de verão, colocou uma taça de vinho branco na sua mão e fez o seu rosto se virar para o meu. Então fiquei ali de pé, e depois caminhei até você e ofereci ajuda, perguntando-me se aquele sentimento iria durar, perguntando-me se eu poderia encadear dois ou três momentos dessa mesma atenção arrebatadora que me comandava. Quem pode saber por quê, Laura? Quem pode saber por que fulano se apaixona por sicrana em vez de por beltrana? Diversos poemas tentaram descobrir, mas não conseguiram. Quero dizer, desculpe-me por eu ter escolhido você. Mas acho que parte da minha motivação aqui, no meu relato, é lembrá-la de que não fomos um desperdício completo. Veja só:

Nós tínhamos algo em comum? Acredito que sim, tínhamos muito em comum durante certo tempo. Embora eu tenha achado você um pouco insegura numa primeira impressão, assim que decidiu que eu era um cara decente, você se tornou um tanto grudenta. E não podia evitar. Você me dava livros, chás, damascos cristalizados. A sua maneira de seduzir era doce, um pouco meticulosa demais. Era como se você tivesse sido apartada dos homens durante toda a vida e, por isso, só soubesse me seduzir como se eu fosse uma garotinha.

Embora você tivesse nascido nos Estados Unidos, eu era muito mais americano. Era mais espontâneo. Mais relaxado. Eu ainda era, de muitas maneiras, o Eric Kennedy do acampamento no lago Ossipee, uma pessoa pela qual fui amplamente recompensado na universidade, mas que, à medida que me aproximava dos trinta, precisava de uma atualização. Com você, Eric Kennedy amadureceu. Você era quatro anos mais nova, mas ninguém dizia. Você era rápida. Era responsável. Cautelosa. Era cuidadosa com a sua saúde. Sempre carregava um suprimento de castanhas, nozes e frutas secas. Você se sentia ofendida com facilidade. Havia uma lista inteira de questões sociais com as quais você se ofendia sempre (por exemplo, a falta de acesso para deficientes físicos nos edifícios públicos). A menor menção a essas questões fazia suas bochechas ficarem vermelhas. Você estava sempre pronta para um debate educado, mas acalorado. Era como se, ao longo da vida, tivesse ficado traumatizada com uma série de mal-entendidos recorrentes.

Com que rapidez dispensei todos os meus outros compromissos, todas as outras amizades, grupos e interesses. Eu sentia que amava você, apesar da sua juventude, como se eu fosse um aluno seu e, o que quer que você fizesse — não importa se fosse vago ou específico —, isso era a coisa certa para mim. Você tinha um cuidado especial com a verdade. Queria que tudo o que dissesse fosse verdadeiro nos mais variados níveis. Você levava horas para preencher um simples questionário no consultório médico, batendo com a caneta nos lábios. Você se exercitava todos os dias ou apenas algumas vezes por semana? Bem, você se exercitava várias vezes por semana, mas não *todos os dias*. Eu ficava atrás de você para ajudá-la a examinar minuciosamente as informações dadas de forma inconsequente que prendiam a sua atenção. Ficava feliz em analisar com você códigos de barras, listas de ingredientes e todo tipo de letrinha miúda nas embalagens. No supermercado ou no departamento de trânsito. Nos Estados Unidos, as oportunidades de sermos bem precisos são infinitas. E nada escapava aos seus olhos. Nada, a não ser eu, é claro.

Casamento. O choque de expectativas produz um novo acorde. Tivemos uma cerimônia civil bem simples. Lua de mel em Virginia Beach. E, depois desses rituais, alugamos um apartamento, reorganizamos os móveis e então certa ociosidade se abateu sobre nós, e éramos como qualquer casal recém-casado se perguntando nervosamente: ok, mas... e agora? Como deveríamos seguir em frente? Por um tempo parecia que estava faltando alguém — um *outro* alguém, uma espécie de líder ou chefe. Uma terceira parte urgentemente necessária cujo papel seria direcionar o tráfego entre nós, negociar os planos conflitantes, estabelecer compromissos, traduzir as diferenças culturais ou religiosas. Ou alguém supunha que faríamos isso sozinhos? *Nós?* A noiva — você — nascida em Delmar, Nova York, no seio de uma família católica ligeiramente ignorante, mas de bom coração, lutando para ampliar a sua formação provinciana. E o noivo — eu — criado numa cidade (completamente fictícia) em Cape Cod que se chamava Twelve Hills, “do ladinho de Hyannis Port”, filho único adorador, cujo sobrenome só podia ser pronunciado com certo enlevo.